

## Processos de interação entre os sítios Lago Grande e Oswaldo (AM) baseados no material cerâmico

Guilherme Zdonek Mongeló\*

MONGELÓ, G.Z. Processos de interação entre os sítios Lago Grande e Oswaldo (AM) baseados no material cerâmico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 109-114, 2011.

**Resumo:** Propõe-se, neste artigo, uma análise dos processos de interação entre os sítios arqueológicos Lago Grande e Oswaldo, localizados no município de Iranduba, estado do Amazonas. A problemática apresentada é o fato de que foi encontrado, em pequena porcentagem, material cerâmico de fase distinta às preponderantes em ambos os sítios. A hipótese que se procurou testar é se as esferas de interação, comuns no contexto amazônico, podem explicar a presença de outra fase cerâmica em um sítio que é, aparentemente, unicomponencial.

**Palavras-chave:** Amazônia – Cerâmica – Interação.

Por sua grande complexidade arqueológica, a região da Amazônia Central já foi alvo de inúmeros estudos, preponderantemente sobre o material cerâmico proveniente da área de confluência dos rios Negro e Solimões. O artigo aqui apresentado, que também discorre acerca do mesmo objeto, evidencia essa complexidade de questionamentos e interpretações da cultura material produzida pelas sociedades amazônicas.

Com estudos arqueológicos sistemáticos desde a década de 1950, a Amazônia Central se caracteriza como uma área-chave para o entendimento da organização e sociabilidade das comunidades pré-cabralinas na Amazônia. A cronologia regional, já bem consolidada, foi

primeiramente estabelecida pelo arqueólogo alemão Peter Hilbert (1968), baseada primordialmente na estratigrafia do material cerâmico, com grande relevância para atributos seriais, como o antiplástico usado na pasta e a decoração. Atualmente, o Projeto Amazônia Central, com mais de 15 anos de estudos, aprimorou a cronologia, recuando as datas de Hilbert.

O material cerâmico da Amazônia Central pertence a fases de dois dos grandes horizontes estilísticos estabelecidos pela arqueóloga norte-americana Betty Meggers, a Tradição Borda-Incisa e a Tradição Polícroma. A diferença entre estas é dada primordialmente pela presença do tempero (antiplástico) que, na Tradição Polícroma, é preponderantemente o Cariapé e, na Borda-Incisa, o Cauixí. O quadro cronológico regional utilizado subdivide-se em quatro fases cerâmicas, a fase Açutuba, a Manacapurú, a Paredão e a Guarita, da mais antiga à mais recente.

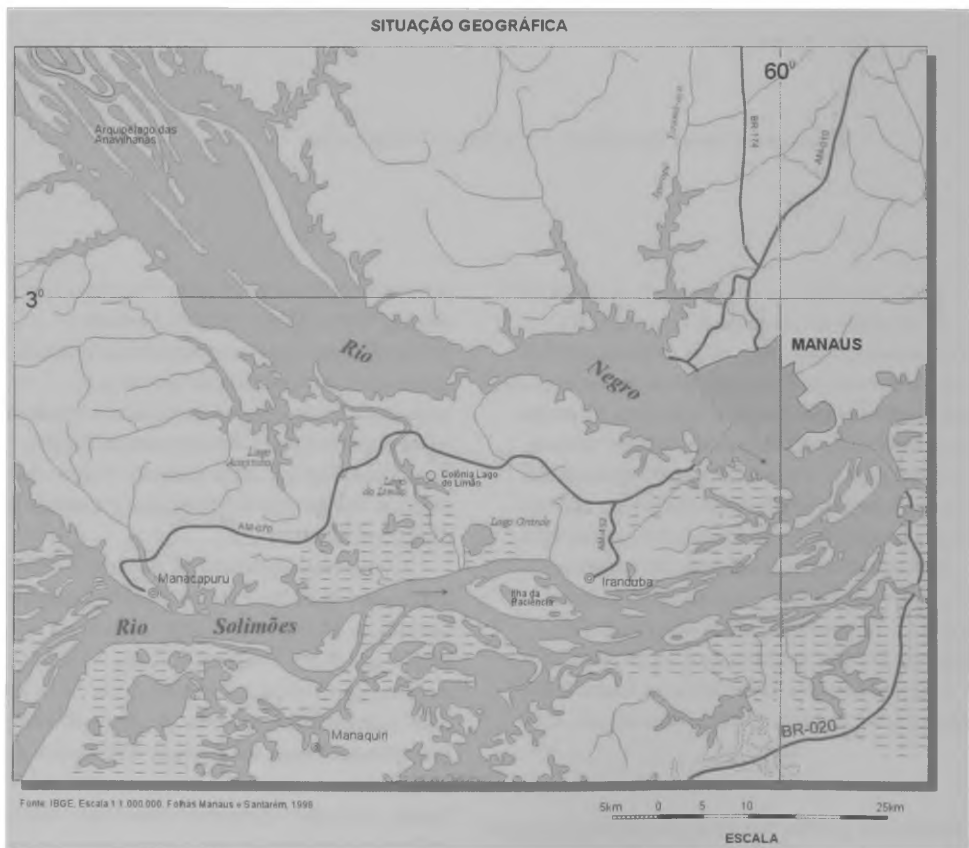
(\*) Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Iniciação Científica 2009-2011. <mongelo@usp.br>

As análises anteriores de dois sítios localizados no município de Iranduba (AM), o Sítio Lago Grande (AM-IR-12) e o Sítio Oswaldo (AM-IR-9), constataram a unicomponencialidade do seu material cerâmico, relacionando uma determinada fase a cada um dos sítios. Assim, o Sítio Lago Grande é visto como tendo sido ocupado principalmente por fabricantes da cerâmica Paredão, e o Sítio Oswaldo, por fabricantes da cerâmica Manacapuru. A unicomponencialidade é constatada quando não há uma “variabilidade marcante do material” cerâmico (Donatti 2006), uma “estabilidade”, e, quantitativamente, há uma grande predominância de determinada fase cultural. O caráter unicomponencial está muitas vezes ligado à idéia de uma única ocupação, ou seja, um único grupo social produzindo uma cerâmica uniforme. No caso da Amazônia Central, essa questão

ainda é muito discutível devido à dificuldade de estabelecer conexões entre fases cerâmicas e grupos étnicos ou famílias linguísticas. Portanto, o que se pode dizer acerca da unicomponencialidade de um sítio é, na verdade, sobre sua indústria, sobre seu próprio indicador cultural.

O estudo que gerou este artigo teve como objetivo analisar a variabilidade do material cerâmico não pertencente às fases preponderantes nos sítios Lago Grande e Oswaldo, verificando até que ponto é possível estabelecer conexões entre esses dois assentamentos e indicar a possibilidade de um processo de interação regional (Fig. 1).

Redes de trocas intensas e extensas, ao contrário do que fora proposto nos princípios da arqueologia amazônica (Meggers 1971), são observadas tanto na etnografia recente como nos relatos dos primeiros viajantes. Porro (1995: 88) fala em “comércio como atividade propriamente



**Fig. 1.** Mapa da área de confluência dos rios Solimões e Negro, onde 9 é o Sítio Oswaldo e 12, o Sítio Lago Grande.

dita, realizado entre grupos locais ou tribos distintas e que tem efeito a circulação, em regiões por vezes muito extensas, de especialidades regionais”. Não se acredita, portanto, que o comércio tenha sido relegado a segundo plano pelas sociedades indígenas amazônicas; por mais que a oferta e a demanda não tenham sido valores essenciais a essas comunidades, o contato entre elas era inegavelmente constante (Porro 1995: 90).

A hipótese que se pretende testar é se as esferas de interação, bastante comuns no contexto amazônico, podem explicar a presença de material cerâmico exógeno em sítios que aparentemente seguem um padrão único de produção cerâmica. A idéia inicial é tratar tal contexto como um possível Sistema Regional de Interação, evidenciado arqueologicamente nas áreas periféricas da Amazônia (Neves 1997: 80; Heckenberger 2001: 35), mas pouco estudados na região da Amazônia Central.

Entende-se Sistema Regional de Interação como uma comunidade formada por diferentes etnias, que compartilham uma ideologia e uma cultura comuns através de extensas redes de troca, casamentos exogâmicos, alianças inter-comunitárias, mas que são social, política e simbolicamente autônomas. Acredita-se que a palavra-chave para o entendimento dessa forma social seja a integração, política, econômica, territorial e cultural. As redes de troca (*network*) cumpriram, nesse sistema, um papel essencial para a integração, mantendo um intercâmbio constante (Heckenberger 2001: 115).

A existência de um padrão de redes de troca é mais um indicativo para a existência de uma estratificação social, uma vez que essas relações de troca de bens de prestígio, casamentos exogâmicos, alianças inter-tribais e rituais inter-comunitários implicam na existência de uma elite com controle social e político (Heckenberger 2002: 33).

No quadro cronológico da Amazônia Central, é possível perceber a coexistência de pelo menos dois séculos entre as cerâmicas das fases Manacapuru e Paredão, os séculos IX e X. Índícios nos mostram que, através da densidade de material cerâmico, quantidade e complexidade dos sítios, esse período corresponderia ao momento de maior ocupação populacional na Amazônia Central (Morais 2006: 178). Assim, a análise de dois sítios corresponde apenas a uma

pequena amostragem da totalidade de dados possíveis de serem levantados e as conclusões aqui geradas indicam apenas inferências sobre as questões levantadas.

Historicamente, as sociedades pré-coloniais da região da confluência dos rios Solimões e Negro sofreram com a chegada dos europeus e rapidamente foram dizimadas (Porro 1995: 75), eliminando a possibilidade de análise antropológica do contexto social e organizacional dessas populações, diferente das áreas limítrofes da Floresta Tropical, como é o caso dos contextos Xinguanos e do Alto Rio Negro (Neves 1997: 20). Apesar de não existir correlação com as populações que historicamente habitaram a região da Amazônia Central, espera-se que o registro arqueológico corresponda aos dados obtidos nessas outras regiões periféricas em que Sistemas Regionais estão bem documentados, pois a existência de material exógeno e contemporâneo nos dois sítios estudados indica, inicialmente, uma forma de contato entre essas sociedades.

Acredita-se que os produtores dessas duas fases cerâmicas (Manacapuru e Paredão) estejam relacionados a grupos falantes da língua Arawak, fato já citado por outros pesquisadores da Amazônia Central (Lima 2007: 343). Embora relacionar determinados segmentos da cultura material a grupos étnicos específicos seja um grande problema metodológico da arqueologia, existem outros elementos que parecem indicar uma aproximação entre essas duas populações.

A possibilidade de correlacionar a tradição Borda-Incisa com os grupos falantes da língua Arawak começou com o antropólogo norte-americano Donald Latrhap, na década de 1970. Heckenberger (2001: 110) indica a existência de uma grande “diáspora Arawak” que teria começado por volta de 3.000 a.C. na região nordeste da Amazônia e se espalhou por toda a Floresta Tropical. Esse processo de expansão teria sido acompanhado pela difusão de um *modus vivendi* típico dos grupos falantes da língua Arawak, o “*ethos Arawak*” uma forma de organização sócio-política baseada em comunidades sedentárias e hierárquicas, organizadas regionalmente em alianças intertribais, com fronteiras etnolinguísticas não bem definidas. A rápida expansão dos grupos falantes das línguas Arawak pela calha

dos grandes rios amazônicos não teria se dado através de atividades de guerra, e sim através de um “processo de arawakização” onde o principal meio eram as formações de alianças e federações, um processo de aculturação de duas vias, onde alguns elementos típicos dos Arawak se sobressaem. A uniformidade da cerâmica estilo Barrancóide apareceria, segundo Heckenberger (2002: 107), como um dos elementos do *ethos Arawak*: a presença de decoração incisa e modelada, incluindo adornos e apliques, pintura ocasional, predominância do Cauixí como antiplástico.

Os sítios Lago Grande e Oswaldo encontram-se distantes 9 quilômetros entre si, interconectados por via terrestre e fluvial, o Rio Ariáú, um furo natural que liga o Solimões ao Negro. A escolha desses sítios para o estudo se deu pela sua proximidade geográfica e contemporaneidade e pela existência de uma bibliografia de referência bem fundamentada (Donatti 2006; Lima 2007; Portocarrero 2007; Moraes 2006; Tamura 2005). O material analisado é decorrente de três etapas de escavação nos sítios, nos anos de 1999, 2001 e 2002, no âmbito

do Projeto Amazônia Central, e pertence ao acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Foram analisadas apenas peças chamadas “diagnósticas” ou seja, bordas, paredes decoradas e bases, o tipo de material que mais pode gerar informações sobre o vaso em si e sobre os que o produziram. Assim, a contabilidade total de peças nas unidades não é levada em consideração, uma vez que se optou apenas analisar o material diagnóstico. Acredita-se que, como é objetivo do trabalho estabelecer a filiação cultural das peças, a análise de paredes sem decoração, *i.e.* material não diagnóstico, não seria produtivo, levando em conta a quantidade de fragmentos e o pouco tempo de análise. Foi elaborada uma ficha de análise com 26 atributos, que engloba aspectos da forma, decoração, acabamento e manufatura, aplicada a 1.022 fragmentos de duas unidades de escavação de dimensões de 1x1m do Sítio Lago Grande (unidades N598 E596 e N448 E618). Foram, ainda, utilizados dados gerados pelos trabalhos de mestrado de Patrícia Donatti (2006) acerca do Sítio Lago Grande (unidade N500 E500) e

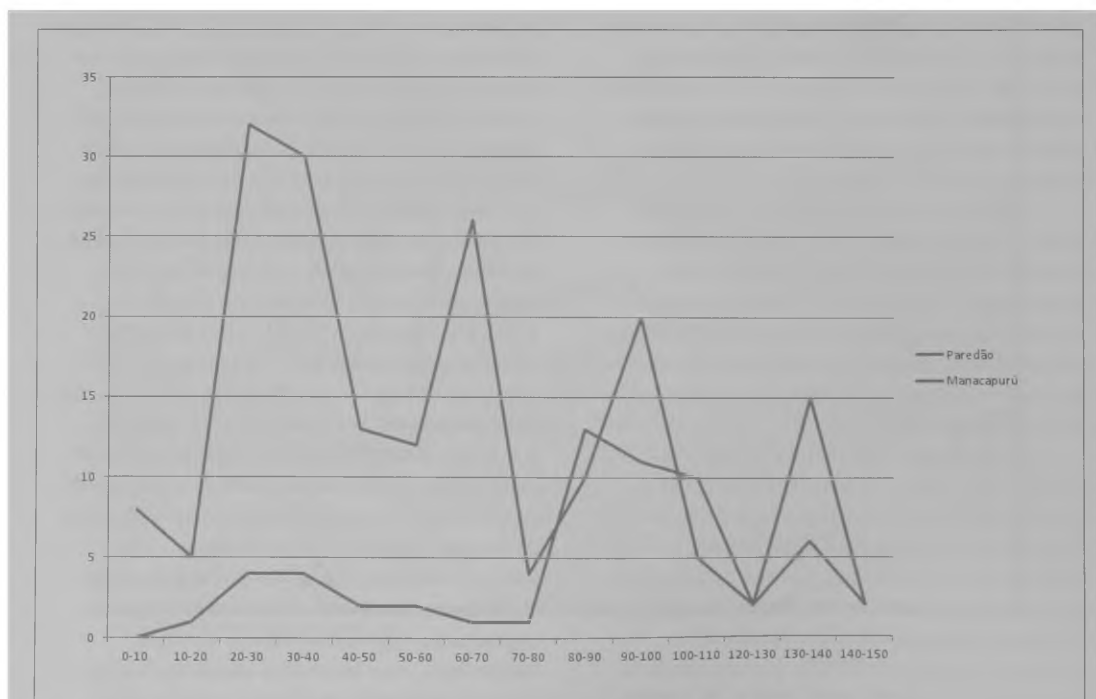


Fig. 2. Gráfico de incidência de material diagnóstico por nível. Unidade 4, Sítio Lago Grande.

de Ricardo Portocarrero (2007) sobre o Sítio Oswaldo (unidade S710 E1966).

Os resultados das análises do material cerâmico do Sítio Lago Grande indicam uma grande preponderância de fragmentos associados à fase Paredão, mas também uma presença considerável de material exógeno, Manacapurú, alcançando os 15% do total de material diagnóstico. Este material encontra-se especialmente nos níveis mais profundos, indicando uma possível mudança cultural e comportamental no processo de ocupação do sítio (Fig. 2).

O sítio Oswaldo apresenta os mesmos problemas que o Lago Grande, embora seja preponderantemente composto por vestígios cerâmicos associados à fase Manacapurú. A análise de Portocarrero (2007: 96) acerca do material cerâmico desse sítio, na única unidade escavada (S710 E1966), gerou dados que indicam uma pequena presença de material exógeno, porém substancial (Fig. 3).

Destaca-se também a presença de alguns fragmentos híbridos, que apresentam características tanto da fase Paredão como da fase Manacapurú. Apesar de quantitativamente representar pouco no conjunto total da coleção analisada, a presença desse material híbrido é de extrema importância para o entendimento dos contextos de intercâmbio de tecnologia e de bens. A inferência inicial, sabendo que a atividade

da produção cerâmica era predominantemente da população feminina das comunidades, é da existência de casamentos exogâmicos.

Os indicativos apresentados, no entanto, não mostram correlação direta entre o Sítio Lago Grande e o Oswaldo. São registrados outros 15 sítios associados à fase Manacapurú, na Amazônia Central, e mais 14 associados à fase Paredão, cronologicamente contemporâneos; o que, por um lado, é um indicativo de que o caso abordado não é isolado, por outro, indica também que há muito a ser pesquisado, e de forma alguma este estudo é conclusivo. Ou seja, é impossível afirmar que a cerâmica Manacapurú do Sítio Lago Grande tenha vindo através de trocas com o Sítio Oswaldo e vice-versa, mas o que se procura é lançar luzes acerca de uma questão já levantada por outros pesquisadores.

Os dados apresentados são um indício para a existência de um Sistema Regional Integrado. O estudo comparativo do material cerâmico dos dois sítios mostrou uma correlação tecnológica, com forte inserção de material exógeno, além da possibilidade de um intercâmbio comercial, hipótese amparada pela proximidade geográfica e conexão fluvial entre os sítios.

A associação entre cerâmica Barrancóide e grupos falantes da língua Arawak é um indicativo de que essas formas comuns aos dois sítios correspondem a requisitos básicos do *ethos Arawak*, uma definição cultural para as práticas comuns dos grupos falantes desta família linguística. Destaca-se, entre essas práticas, o “regiocentrismo”, um conceito de organização social baseado na formação de federações regionais, enfatizando a “balança recíproca entre grupos locais” (Heckenberger 2002: 113), amparado por alianças inter-tribais entre grupos Arawak e falantes de outras línguas, mas com forte ligações culturais.

Embora não seja possível afirmar que a cerâmica Barrancóide foi estritamente produzida por grupos Arawak, o contexto encontrado na Amazônia Central indica a presença de um intenso e duradouro Sistema Regional. Estudos complementares de arqueometria podem ser mais esclarecedores acerca das rotas de trocas e intensidade de interação entre os sítios. Os indícios apresentados apontam para um contexto, por volta do século X d.C., de grande interação entre as comunidades da Amazônia Central, integradas culturalmente e socialmente.

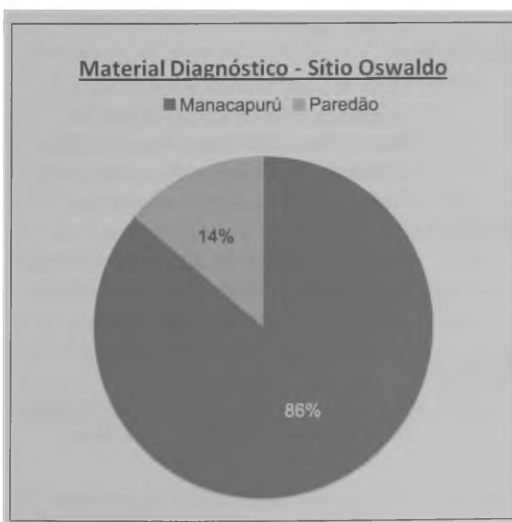


Fig. 3. Gráfico de filiação cultural do material diagnóstico da unidade S710 E1966 do Sítio Oswaldo.

MONGELÓ, G.Z. Interaction processes between Lago Grande and Oswaldo archaeological sites (AM) based on ceramic material. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 109-114, 2011.

**Abstract:** This paper proposes an analysis of the interactions processes between two archeological sites located in Iranduba, Amazonas state, the Lago Grande and Oswaldo. The issue presented is the fact that small percentage of distinct ceramic was found in both sites, wich were considered unicomponenciales. The hypothesis is that interaction spheres, common in the Amazon region, may explain the presence of other ceramic style in a site that apparently was composed by only one type.

**Keywords:** Amazon – Ceramic – Interaction.

#### Referências bibliográficas

- DONATTI, P.  
2006 A ocupação pré-colonial da área do Lago Grande, Iranduba, AM. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- HECKENBERGER, M.  
2001 Estrutura, história e transformação: a cultura xingüana na longue durée, 1000-2000 d.C. In: Franchetto, B.; Heckenberger, M. (Orgs.) *Os Povos do Alto Xingü*. Rio de Janeiro: UFRJ.  
2002 Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality and the Amazonian Formative. In: Hill, J.D.; Granero, F.S. (Eds.) *Comparative Arawakan Histories: rethinking language, family and culture area in Amazonia*. Urbana, University of Illinois Press: 99-122.
- HILBERT, P.  
1968 *Archäologische untersuchungen an Mittleren Amazonas*. Berlin: Dietrich Reimer.
- LATHRAP, D.  
1970 *The Upper Amazon*. London: Thames and Hudson.
- LIMA, H.P.  
2008 História das Caretas: A Tradição Bordo Incisa na Amazônia Central. Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- MEGGERS, B.  
1971 *Amazonia: man and culture in a counterfeit paradise*. Washington, D.C.: Smithsonian Institute Press.
- MORAES, C.P.  
2006 Arqueologia da Amazônia Central Vista de uma Perspectiva da Região do Lago do Limão, município de Iranduba - AM. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- NEVES, E.G.  
1997 Paths in Dark Waters: Archeology as Indigenous History in the Upper Rio Negro Basin, Northwest Amazon. Tese de Doutorado. Indiana, Department of Anthropology, Indiana University.
- PORTOCARRERO, R.C.  
2007 Padrões de Assentamento do sítio Oswaldo, Amazonas. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- PORRO, A.  
1995 O Povo das Águas: ensaios de etno-história Amazônica. Rio de Janeiro: Vozes